

# DECOLONIZAR O QUE FOI COLONIZADO

Tea Frigerio  
t\_frigerio@hotmail.com

*RESUMO: O presente trabalho usará a ferramenta da exegese bíblica feminista para desfiar alguns textos/tecidos e descobrir os diferentes tipos de cores e texturas dos fios que os teceram. Uma provocação que o método hermenêutico feminista orienta é de “suspeitar”. O escrito então se interroga: Gl 3,26-28 era uma profissão batismal que assumia radicalmente a proposta de Jesus, porque desde o início foi combatida, mutilada e silenciada? O que levou o autor da Primeira Carta a Timóteo falar tão duramente as mulheres de sua comunidade? O pensamento paulino sobre a mulher, foi utilizado pelas igrejas como argumento para a inferioridade, submissão e exclusão da mulher. Na realidade, os escritos autênticos de Paulo promovem a superação das diferenças entre etnia, classe e gênero, para sermos “todos um em Cristo” (Gl 3,28). Parece, porém, que a igualdade entre o homem e a mulher não vingou na tradição eclesial, recompactada dentro do patriarcalismo imperial. O escrito faz um convite: urge resgatar a memória silenciada das mulheres no Movimento de Jesus e no Movimento missionário cristão.*

*ABSTRACT: In this article an instrument from the Feminist Biblical Exegesis will be used to challenge some texts/weavings in order to discover different types of color and textures of the threads that are woven together. “Suspect” is a provocation of the Feminist Hermeneutic method. So the writing in this article questions: was Galatians 3,26-28 a baptismal profession which assumed a proposal of Jesus, because from the beginning it was contested, cut and silenced? What caused the author of the First Letter to Timothy to speak so harshly to the women of his community? The Pauline thought about women was used by the churches as an argument for the inferiority, submission and exclusion of the woman. In reality, the authentic writings of Paul promote a great amount of differences among ethnic, class and gender, so that we be “all one in Christ” (Gal 3,28). However, it seems that the equality between a man and a woman did not take hold in the ecclesial tradition so impacted into the imperial patriarchalism. The article invites: urging the recovery of the silenced memory of women in the Movement of Jesus and in the Christian missionary Movement.*

## INTRODUÇÃO

Convido-te a ler a poesia: *Tudo é olhar.*

*Não te amo mais  
Estarei mentindo dizendo que  
Ainda te quero como sempre quis  
Tenho certeza que  
Nada foi em vão  
Sinto dentro de mim que  
Você não significa nada  
Não poderia dizer mais que  
Alimento um grande amor  
Sinto cada vez mais que  
Já te esqueci!  
E jamais usarei a frase  
Eu te amo!  
Sinto, mas tenho que dizer a verdade  
É tarde demais...*

(Clarice Lispector)

Que sentimento brotariam em ti recebendo-a de alguém que tu amas? Pare um instante ....

Agora convido-te a reler a poesia de baixo para cima. Algo mudou? E teus sentimentos agora?

Tudo é olhar! Sim tudo depende do olhar! É o exercício que juntas/os vamos fazer: eu escrevendo, vocês me lendo.

## TEXTO — TECIDO

Já fiz esta comparação em outros escritos, gosto muito dela e a retomo aqui. Todo texto é um tecido composto por palavras (fios de linha). As tecelãs e os tecelões usam fios para tecer segundo um padrão. Às vezes prevalecem os tons escuros. Outras vezes, os tons luminosos, tons de desespero e de esperança. Nem sempre tão fiel ao padrão original. Tons que falam das experiências da vida: dor e paixão, crueldade e doação, opressão e liberdade, egoísmo e solidariedade, indiferença e luta, choro e alegria. Tex-

to, tecido que articula a experiência da fé como resposta humana a desafios históricos ou à interpelação divina na história.

O presente trabalho usará a ferramenta da exegese bíblica feminista para desfiar alguns textos/tecidos e descobrir os diferentes tipos de cores e texturas dos fios que os teceram. Não se pretende destruir os textos, mas perceber a consistência e o que está entre os fios. Após desfiarmos estes textos (tecidos), alinhavaremos novamente, cientes de que quem os costurou, o fez a partir de um olhar e de seu contexto histórico, social, filosófico, religioso.

Tal propósito se justifica quando fazemos hermenêuticas. E aqui no caso, queremos tratar das relações, entre elas a de gênero, em nossa realidade social e religiosa. Este exercício propicia atualizar o texto no nosso contexto para, enfim, desvelar (tirar o véu) e entender as causas das violências que estão por trás das relações sociais e de gênero, tanto de outrora como de agora. Esse exercício nos ajudaria a entender e vislumbrar caminhos de superação.

Uma provocação que o método hermenêutico feminista orienta é de “suspeitar”. Por isso, vamos levantar as seguintes suspeitas:

- Gl 3,26-28 era uma profissão batismal que assumia radicalmente a proposta de Jesus, porque desde o início foi combatida, mutilada e silenciada?
- O que levou o autor da Primeira Carta a Timóteo falar tão duramente as mulheres de sua comunidade?

## DESFIANDO O TEXTO/TECIDO

A proposta paulina de uma Eklesia igualitária, ministerial e leiga expressão viva do acreditar em Jesus Cristo, o Senhor e, na sua proposta de relações assinaladas pelo amor/ágape aos poucos será substituída por Igreja hierárquica, autoritária e sacerdotal.

Na sua itinerância Paulo influenciou o Movimento de Jesus a entrar no mundo greco-romano, mundo da cidade disseminado

a partir da ‘casa’, pequenas eklesia que se reuniam para celebrar a memória de Jesus, proclamado como Senhor e Cristo e vivenciar relações de fraternidade, igualdade e solidariedade.

A imagem do corpo na Carta aos Romanos e 1Carta aos Coríntios nos faz vislumbrar a eclesiologia paulina.

*“... como num só corpo temos muitos membros e os membros não tem todos a mesma função ... sendo membros uns dos outros...” (Rm 12,4-5; 1Cor 12,22).*

A eklesia que se reúne na casa vive **relações igualitárias**. Todos os membros têm o mesmo valor e importância, ninguém deve considerar-se superior ou mais importantes de que outros.

*“Tendo porem, dons diferentes...”; “... que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor dos outros” (Rm 12,6a; 1Cor 12,25).*

Como no corpo os membros são e tem diferentes funções, assim na comunidade as **relações são ministeriais** e não autoritárias. O ministério é serviço cada um na sua função para o bem de todo o corpo. Os serviços, ministérios são dom do Espírito, não motivo de poder ou dominação. Na casa vive-se uma eklesia carismática.

*“Aquele que tem... vosso amor seja sem hipocrisia... Vos sois o corpo de Cristo e sois os seus membros.” (Rm 12,6b-9; 1Cor 12,26-29).*

Relações igualitárias, ministeriais acessíveis a todos e todas por isso **leigas** e não sacerdotais. Abertas sobretudo aos que não pertencem ao *demos* mas ao *laos*<sup>1</sup>: mulheres, escravos, braçais, pobres, iletrados, os que estavam a margem da estrutura da cidade.

Em 1Cor 1,26-29 Paulo nos apresenta plasticamente o retrato da comunidade igualitária, ministerial, leiga e nos convida

---

<sup>1</sup> Na língua grega temos dois vocábulos que indicam o povo: *demos* = o povo que decide (homens de posse livres cidadão da cidade); *laos* = todo o povo, o povão. É do vocábulo *laos* que deriva *laico/leigo* = quem pertence ao povo – povão.

a olhar e, ao mesmo tempo que interroga, responde: quem pertence à comunidade? Na comunidade há:

***Poucos***

*poderosos*  
*sábios*  
*de família famosa*

***Muitos***

*sem poder*  
*analfabetos*  
*escravos*

***Mas Deus escolheu os que não são, para confundir os que são.***

Paulo nos apresenta uma comunidade de *laos, igualitária, ministerial*. Afirma que *é* sabedoria de Deus que se contrapõe a sabedoria do mundo. Seu pensamento se entrelaça com a reflexão sobre a loucura da cruz: loucura para os gregos e escândalo para os judeus. Loucura porque subverte a lógica e organização do império. A Cruz é opção de amor, é salvação, assim como os crucificados da história são sabedoria de Deus, eles são escolhidos para manifestar os mistérios de Deus: uma *eklesia* igualitária, ministerial e laical.

Durante muitos anos, a interpretação da Sagrada Escritura fu domínio masculino e por isso o olhar da mulher e sua voz foi silenciada. É nesta ótica que o texto de 1Tm 2,9-15 foi escrito, lido e interpretado e serviu desde o seu nascedouro para legitimar a dominação e o silêncio das mulheres. Quando as mulheres começam a desfiar o tecido do texto o horizonte muda. Sua complexidade revela um contexto histórico que permite as mulheres de entrever os sinais da história de suas antepassadas; seus primeiros passos e sua evolução no Movimento de Jesus e alimentar a utopia; trazer à luz, tornar visível o que foi invisibilizado e silenciado ao longo dos séculos: o papel da mulher no cristianismo primitivo e empenhar-se na busca de uma Igreja mais inclusiva.

Perguntamo-nos: O que levou o autor da 1Tm 2, 9-15 a escrever palavras tão duras contra as mulheres? Qual era a intenção do autor? O contexto a partir do qual ele escreve? A relação com as mulheres em sua comunidade? A relação da comunidade no contexto do império romano? Ele mesmo que relação tinha com as mulheres? Que tradições ele recebeu do Movimento judeu-cristão de Jesus e sua influência na tradição paulina?

O contato mais próximo com o tecido do texto de 1Tm 2, 9-15 nos faz intuir uma tentativa de solução à teologia paulina e, um problema que a sociedade greco-romana tinha do papel da mulher. A tensão se devia, ao nosso parecer, ao lugar que a mulher havia adquirido no cristianismo nascente: ela podia atuar como liderança, tinha autoridade e ensinava. Papel tão importante fez com que a sociedade mediterrânea do I século a.C. via no cristianismo um movimento que ia de encontro aos bons costumes e a moral, em outras palavras desestabilizava a família greco-romana.

Vamos em busca do fio que os e as tecelãs usaram para o começo do tecer ...

## O MOVIMENTO DE JESUS

O Movimento de Jesus se fez presente no contexto cultural judaico e no mundo dominado culturalmente pelo império romano marcado pela filosofia grega. Nesta realidade Jesus de Nazaré anuncia e vive um projeto alternativo em constante tensão com aquela cultura que chamamos de patriarcal, que excluía: “todo aquele que não é homem, adulto, rico, nobre de nome” (Camacho, 2015, p. 59).

O mundo mediterrâneo neste século era assinalado pela ‘honra’ que idealmente era alcançada somente pelos homens, que tinham posse, autoridade para governar a família, as associações e a cidade. A sociedade judaica compartilhava este ideal, que pertencia ao mundo de Deus, de modo que a submissão do fraco (mulher, criança, pobre, escravo, doente) era considerada de ordem natural e divina (Schüssler, 1989, p. 193, 267, 145). Dentro estes grupos quem mais logrou força de emancipação foi a mulher. Muitas delas trabalhavam no campo com os maridos e isso as ajudou a sair do espaço privado da casa. A liberdade alcançada provocou críticas e tensões entre os moralistas que a queriam manter dentro do espaço da casa, fora da vista de outros homens ou, quando saísse se cobrir com um véu que simbolicamente, a mantinha no espaço do lar. Uma mulher prudente e que conservava sua ‘vergonha’ atraía para o esposo e a sua família ‘honra’

(Mac Donald, 2004, p. 23). Ao contrario se era afoita e acusada de querer se igualar ao homem trazia ‘desonra’ para o esposo e sua família. A mulher por qualquer motivo podia ser repudiada, mas não tinha igual direito de pedir o divórcio (Dt 24,1-4).

O Movimento de Jesus abriu esperança e espaços para as mulheres que ansiavam por liberdade e reconhecimento. Jesus fez uma opção clara pelos mais vulneráveis da sociedade e dentro deles a mulher, invertendo a escala de valores dentro da sociedade mediterrânea: o serviço se tornou valor superior ao da honra. O pensamento patriarcal estava arraigado em todos os níveis da sociedade quer nas elites como nas classes baixas, também nas mulheres.

Muitos textos nos Evangelhos nos testemunham a proposta alternativa de Jesus que propunha uma organização horizontal em contraposição à cultura dominante. Isso permitiu que mulheres fizessem parte de seu grupo e o acompanhassem (Lc 8,1-3). O Evangelho de Lucas e João testemunham a força de Maria a mãe de Jesus; o papel preponderante de Maria Madalena, Jovana, Susana e outras mulheres no testemunho da ressurreição. Duas mulheres são de suma importância pela evangelização entre os gentios: a Siro-fenícia e a Samaritana. A comunidade de Marcos em 7,24-30 nos narra como uma mulher não judia através de uma conversa consegue de Jesus a cura da filha. É interessante notar que a mulher ganha Jesus numa discussão, ele que nunca era vencido nelas. Nas comunidades esta narração servirá para sustentar teologicamente a missão entre os gentios: o argumento de uma mulher! Em João 4,1-42 Jesus dialoga com uma mulher samaritana que a seguir vai anunciar aos seus conterrâneos que havia encontrado ‘um homem que me disse quem eu sou’; pelo seu testemunho muitos creram que ‘Jesus era o Salvador do mundo’. Esta narração nos testemunha que quem anunciou Jesus entre os samaritanos foi uma samaritana, ela é a matriarca! (Schüssler, p. 184-186).

Os relatos podem não corresponder à história ao pé da letra, porem nos testemunham que a missão entre os gentios tem seu início através das mulheres.

A opção radical de Jesus pelos vulneráveis e sua proposta de uma sociedade igualitária, baseada na partilha, serviço e amor, restitui não somente à mulher a consciência do amor de Deus e da chegada do Reino nela e através dela, como também sua dignidade numa família onde não há mais pai (Mc 10,28-31), mas há um só Pai e Mestre e todas somos irmãs e irmãos (Mt 23,8-10).

Dar origem a um espaço contra cultural e denunciar as instituições de dominação e exclusão gerou conflitos, perseguição e a morte na cruz de Jesus. Porém sua morte não matou sua proposta. Após um tempo em que seus discípulos e discípulas se dispersaram, a experiência da ressurreição renovou o ânimo evangelizador. Acreditar que Jesus está vivo, presente nas pequenas comunidades motivou a proclamar o anúncio da Boa Nova do Reino, assim como sua opção pelos mais fragilizados se espalhou levando também a polemica a outros cenários.

O projeto igualitário de Jesus de Nazaré se difundiu no império romano e implicou para o Movimento de Jesus, nascido no âmbito rural e judaico da Palestina, inculturar a circularidade de sua proposta nas comunidades nascidas nas cidades greco-romanas. O Movimento de Jesus enfrentou a mesma oposição que seu líder enfrentou no mundo judaico, que como já mencionamos tinha um *ethos* marcadamente hierárquico: o poder residia no homem como esposo, pai e senhor. A mulher era ontologicamente inferior ao homem; para cada gênero existiam tarefas, valores a ser vividos, espaço diferentes. Quando alguma mulher se emancipava tinha que sofrer as consequências, era considerada ‘sem vergonha’.

O homem no império romano tinha valor, tinha ‘honra’ se, sabia governar sua casa e os integrantes de sua família, em modo que ninguém sáisse de espaço designado e proposito social. O governante da casa era o *pater familiae*. A mulher virtuosa era aquela que mantinha sua ‘vergonha’ com atitudes passivas, sem pretender cargos de liderança, alienando-se da presença de outros homens e sendo submissa. A mulher que não mantinha estes padrões ou agisse de modo ativo, era considerada desavergonhada e trazia a desonra para sua família. O pater família para con-

servar sua honra, em seu governo tinha que manter cada membro da família em seu lugar, especialmente as mulheres, isso era fundamental para o status da casa e ainda mais importante para seu líder. Para assegurar que tanto o homem como a mulher não abandonassem suas funções, ativas e passivas respetivamente, separava-se o espaço de ação de cada um. Os homens tinham que se manter no espaço público responsáveis da ordem da polis; as mulheres deviam permanecer no âmbito privado alijadas dos olhares dos homens e realizando as tarefas do lar, que aliás eram importantes pois umas industrias se realizavam no lar. Não era bem-visto a mulher deixar o espaço privado da casa, quando eram obrigadas a fazê-lo levavam um véu que assim as mantinha simbolicamente no espaço privado, respeitando a ordem do império. Através do bom governo do lar, um homem demonstrava que era capaz de ocupar cargos de liderança na polis. Para que tal pretensa se concretizasse, o homem tinha que ter o controle da sexualidade das mulheres associadas à sua família. As filhas eram membros temporais, pois eram o meio para criar redes para melhorar o poder e status familiar (SCHÜSSLER, p. 70).

Na casa greco-romana havia outras estruturas voluntarias em que atuavam as pessoas: o padroado-clientelismo e as associações. A primeira obedecia à ordem hierárquica da sociedade mediterrânea, na qual uma pessoa oferecia sua proteção através de dinheiro e poder em favor de outra que devia devolver o favor reconhecendo publicamente esta relação. Do ponto de vista do benfeitor é o padroado, do ponto de vista do beneficiado chama-se de clientelismo. As associações eram grupos de pessoas que tinham algo em comum, ad exemplo a atividade artesanal, que as reuniam para oferecer mutuamente apoio e proteção.

Atos 8,1-4 nos faz conhecer que a perseguição em Jerusalém expulsou muitos que pertenciam ao movimento infra-judaico de Jesus. Estes se dispersaram pela Judeia e Samaria. Podemos considerar que este seja um texto que guarda a memória da origem do Movimento cristão missionário. Movimento que não estava ligado a etnias, mas que oferecia possibilidades a pessoas de várias origens. Barnabé parece ter sido um destes líderes da comu-

nidade que introduz Paulo no movimento. Fiel ao Movimento de Jesus, o Movimento missionário cristão vivia a circularidade das relações e se enxertava numa estrutura própria da cultura greco-romana: a casa, as associações, o padroado, este último adaptando-se ao ideal de igualdade da comunidade.

As associações cristãs eram heterógenas em nível social, econômico, étnico, reunindo homens e mulheres na casa – âmbito privado – de um membro de posse que podia oferecer espaço para reunião e em algumas ocasiões outro tipo de proteção a missionários de passagens ou à comunidade. Exemplo disso nos Atos é o convite que Lídia oferece a Paulo (At 16,15.40). No horizonte greco-romano se tratava da estrutura de padroado, mas vivido à luz do ideal e das relações de igualdade.

Esta diversidade que caracterizava a comunidade gerava tensão ao interno da comunidade, o autor da 1Tm mais tarde, nos testemunha isso ao escrever: *“Além disso, aprendem a viver ociosas, correndo de casa em casa; não somente elas são desocupadas, mas também bisbilhoteiras, indiscretas, falando o que não devem”* (1Tm 5,13). O comportamento das mulheres gerava tensão no interior da comunidade, pela possibilidade que elas tinham de liderar a comunidade, que no ideal greco-romano era deplorável.

Os quatro evangelhos davam às mulheres o papel importante de serem as primeiras testemunhas da ressurreição, por isso o cristianismo recebia críticas de moralistas como Celso que não acreditavam no testemunho das mulheres: *“Quem viu isso? Uma mulher histérica, ou talvez algumas outra... enfeitadas pela mesma bruxaria... Estes temerários reclutaram dos estratos mais baixo da sociedade, da massa ignorante, como mulheres crédulas, que se deixam levar pela debilidade de seu sexo ... Chegam ao extremo de chamar-se irmão, irmã ... Em um dia especial, se reúnem para uma festa com suas crianças, irmãs, mães, de todos os sexos e idades...”* (MAC DONALD, p. 127). Palavras que expressam a opinião de Celso sobre as mulheres e percebemos que sua pertença a ‘esta nova religião’ era origem de escândalo, como a pretensa de se chamarem irmãos e irmãs marcava a circularidade vivida pelas comunidades cristãs,

mal vista pela sociedade. Quando ele escreve “irmãs, mães” revela que o problema era a presença feminina nas assembleias, se elas não tivessem sido presentes nas comunidades, a censura social sobre o movimento cristão não teria sido tão forte.

## O MOVIMENTO CRISTÃO MISSIONÁRIO

O Movimento cristão missionário tem em Paulo sua liderança mais expressiva. Isso pelo que as comunidades lucanas escrevem nos Atos, como pelas cartas que até hoje transmitem seu pensamento. Porém Paulo não foi o único, ele sempre trabalhou em equipe e, havia outras lideranças no Movimento missionário cristão. Em Corinto ele se hospeda, trabalha e evangeliza a partir da casa do casal Priscila e Áquila (At 18,1-4). Acredito que mereceria um estudo a respeito disso, aqui nos focaremos no pensamento paulino. Do pensamento paulino, expresso em seus escritos, derivam três correntes: Lucas/Atos – Efésios/Colossenses/2Tessalonicenses – Cartas pastorais.

A postura de Paulo a respeito do papel da mulher nas comunidades evoluiu. Inicia com o enunciado: “*não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher, todos vós sois um em Cristo*” (Gl 3,28). O que Paulo escreveu era subversivo pois anulava qualquer tipo de diferenças numa sociedade que se regia por estas diferenças. Porém na 1 Coríntios 12,13 ele escreve: “*Porque num só Espírito fomos batizados, para formar um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres. E todos bebemos num só Espírito*”. Percebemos que a terceira proposição é silenciada e revela como era problemático na comunidade eliminar a diferença entre mulher e homem. Paulo, porém, não negou a participação das mulheres na comunidade que dava continuidade a sua presença no Movimento (Schüssler, p. 207).

Ao falar de matrimônio em 1Cor 7, Paulo pede reciprocidade de diálogo e entrega, dando aos cônjuges direitos e deveres iguais (1Cor 7,2-6. 9-11b.15.27-28. 32-35). Há uma grande diferença com as pastorais especialmente a respeito das viúvas. O que Paulo aconselha a toda comunidade (1Cor 7,7-8. 25-26.37.

39-40), especialmente as viúvas (7,11a.39-40) é não voltar a casar. Na comunidade era um privilégio e um direito, porém constituía uma afronta ao império romano que exigia o casamento. Então o pensamento paulino e das comunidades que o seguiam se tornavam foco de insubordinação as estruturas do impero.

Em 1Cor 11,2-16, mostra interesse sobre a forma com que as celebrações comunitárias se realizavam. As mulheres que oram e profetizam o fazem sem usar véu. Ao fazer isso a sociedade podia confundir-las como mulheres que atuavam 'sem vergonha' no âmbito público. Paulo não pede que não orem nem profetizem, mas pede prudência para não ter problemas com o mundo exterior e também talvez com o interior, na comunidade. Pede que usem véu para não serem confundidas com mulheres de outros cultos orientais (SCHÜSSLER, p. 276). A postura de Paulo foi diplomática, não pedia de deixar de orar e profetizar nas liturgias, pedia que usassem os símbolos externos que atenuassem os conflitos com a sociedade mediterrânea. Hoje nós poderíamos achar que ele não se manifestou com mais radicalidade, que seu discurso foi ambíguo. Ele não podia prever que nos séculos seu pensamento teria sido manipulado, interpretado e usado contra as mulheres.

Continuando a desfiar os textos/tecidos queremos nos debruçar sobre a profissão batismal da carta aos Gálatas 3,26-28. Nos perguntamos: Por onde começar a ler? Ele é uma chave que abre a porta da carta aos Gálatas?

O texto:

*“Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo. Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”.*

Alguns autores afirmam que Gal 3,26-28 é o centro de toda a carta e a chave de leitura da mesma (FERREIRA, 2005: 11-14). Acredito que sim, infelizmente a finalidade do artigo e o espaço não nos permite uma exegese aprofundada e demonstrar a hipótese. Acolhemos seus pensamentos pois levam a perceber que a carta é um projeto de busca de uma possível sociedade alterna-

tiva dentro do império greco-romano. Por causa do espaço nos detemos sobretudo no terceiro enunciado da profissão batismal.

Paulo, até onde se sabe, não elaborou este texto. Possivelmente, foi um “hino batismal” ou um fragmento de um credo bem conhecido pelas comunidades antes dele (TAMEZ, 1998, p. 1665-1669). O Apóstolo na sua itinerância ouviu o hino o absorveu-o, assumiu e introduziu nas comunidades (BYRNE, 1993, p. 21-38). Um hino que “abriu fronteiras” na estrutura social escravagista do império romano, e na mentalidade grega. Paulo, conhecendo o conteúdo, especialmente a “unidade em Cristo Jesus”, fez do hino um “programa” vivo para as comunidades (MARTYN, 1998, p. 374).

Acredito seja importante a busca do texto original por isso vamos fazer umas comparações com outros textos paulinos e deuteropaulinos. Vamos ver a sinopse:

Gal 3,26-28	1Cor 12,13	Rom 10,12	Col 3,11
<p>Vos todos sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo,</p> <p>pois todos vós, que fostes batizados em Cristo,</p> <p>vos vestistes de Cristo.</p> <p>Não há judeu nem grego,</p> <p>não há escravo nem livre,</p> <p>não há homem nem mulher;</p> <p>pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.</p>	<p>Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo,</p> <p>judeus e gregos,</p> <p>escravos e livres,</p> <p>e todos bebemos de um só Espírito.</p>	<p>De sorte que não há distinção, entre judeu e grego,</p> <p>pois ele é o Senhor de todos, rico para todos os que o invocam.</p>	<p>Aí não há mais grego e judeu, circunciso ou incircunciso, bárbaro, cita, escravo, livre,</p> <p>mas Cristo é tudo em todos.</p>

Olhando para a sinopse notamos que o paralelo “judeu e grego” é presente nas quatro cartas; “escravo e livre” em três; “homem e mulher” somente na carta aos Gálatas.

O enunciado “não há judeu nem grego” foi assimilado pelo cristianismo original mais facilmente. Com toda probabilidade a reivindicação surgiu na atmosfera helenística-judaica-cristã. O compromisso para superar discriminação racial, com implicações religiosas e culturais, foi menos difícil para as comunidades primitivas.

A formulação “não há escravo nem livre” aparece em três cartas, sendo deixado de fora em Romanos. Levantamos a hipótese que ao não escrever a questão da escravidão na carta aos Romanos, vem do desejo de evitar problemas para os cristãos em Roma e manter as portas abertas para sua viagem à Espanha.

A região da Galácia, Corinto e Colosso estavam muito distantes de Roma. É interessante notar que os discípulos de Paulo, bem depois de sua morte, na comunidade de Colosso mantiveram “nem escravos nem livre” do hino batismal. Somente a Carta aos Gálatas tem a fórmula “nem homem nem mulher”.

Como foi dito o hino surgiu em comunidades pré-paulinas ou contemporâneas, cantado nas liturgias batismais ou proclamado pelo presidente da celebração. Num mundo onde prevalecia a mentalidade androcêntrica revela como as comunidades primitivas emergentes sonhavam com uma “nova criação” (Gl 6,15), num anseio de liberdade para todos e, igualdade sem distinção na unidade em Cristo. Ao cantar o hino assumiam viver na vida, a fé que professavam na liturgia. Dentro desses grupos, a presença feminina devia ser forte, e marcante sua liderança. Certamente, o “patriarcalismo” era bastante falado nas reuniões. Ao cantarem que “vocês todos sois filhos de Deus”. Eles descobriram que “não há judeu nem grego” e “não há escravos nem livres” e amadurecendo também proclamavam “não há homem nem mulher”.

Ousando imaginar: vislumbramos mulheres coordenadoras de comunidades, das liturgias domésticas, dos cuidados comu-

nitários que começaram a recitar a terceira asserção até que se tornou consenso entre o sexo masculino, tornando-se uma oração comprometida na comunidade. Paulo em sua sensibilidade pastoral teria abraçado este ideal feminino presente no hino e ao escrever aos Gálatas o colocou no centro da carta tornando-o a chave interpretativa de todo seu escrito.

O pequeno hino de Gal 3,26-28 cantado e depois escrito pela primeira vez às comunidades da Galácia foi o pivô de uma grande abertura, numa perspectiva universal. O hino abre, “pois, vocês são todos filhos de Deus” e fecha, “pois, todos vocês são um só.” A relevância do termo “todos” sugere que o hino estava abrangendo judeus e gentios. Assim, Paulo supera a visão estreita dos missionários judeus-cristãos. Ao usar o plural “vós” na segunda pessoas mais do que estilo literário, há uma intenção teológica: “vós” aqui é sinônimo de comunidade. A carta foi endereçada a ela. O termo “quantos” não pretendia delimitar um pequeno círculo de leitores, mas engloba-los como um todo. Com as palavras “todos/quantos”, o autor mostrou que as comunidades não estavam entrincheiradas. Chega de exclusividade. As comunidades vivam entre as etnias como filhos e filhas de Deus. Ser um em Cristo derrubava os muros e abria as fronteiras em direção aos estrangeiros, aos escravos, bem como as mulheres. Era enxertado o espírito de igualdade necessário para superar a mentalidade da discriminação.

Há um avanço teológico: pela “fé”, todos se tornaram “filhos de Deus”: relação profundamente íntimo com Deus. Ser filho de Deus é ser livre. O hino apresenta duas fórmulas que declaram as condições de adoção e filiação divina: “pela fé” e, por incorporação “em Cristo Jesus.” A “fé em Cristo Jesus” removeu as diferenças, derrubou as barreiras da marginalização, libertando da escravidão, *“pois, todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos vestistes de Cristo”*. Os batizados amam Cristo tão intimamente que afirmam que os cristãos “estão em” (3,26) e “são-um-em” Cristo Jesus (3,28). Vestiram Cristo! Vestir é entrar na pele, assumir seus valores, seus compromissos e opção: ser outro, outra Cristo! Embora não haja nenhuma descrição do ritual do batismo, a expressão

sendo “filhos de Deus” insinua um compromisso de mudança em todos níveis e, responsabilidades pessoais e comunitárias. Para os primeiros cristãos, o batismo era vital. Era o sinal de entrada em um novo tipo de vida. O batismo foi compreendido como união total entre duas pessoas: a pessoa que tem fé e Cristo Jesus. Em vez de usar a fórmula mais comum “batize em nome de Cristo” (1Cor 1,13; 6,11), aqui Paulo usa a fórmula “batizar em Cristo”, significando identificação em Cristo. O Apóstolo, para expressar a força desta inserção no novo ser, através do batismo, ele usa o conceito de “revestido”. A imagem do vestido ilustra o ensino de Paulo: uma relação muito profunda com Cristo, uma mudança no ser. Ao se conectar a Cristo, o batizado é radicalmente transformado. Fé e batismo aboliram diferenças concretas entre judeus e não-judeus, escravos e livres, homem e mulher, abrindo todas as fronteiras.

É a grande abertura de fronteiras. Lembremos que a Carta aos Gálatas foi escrita em meio a muitas tensões. As várias divisões eram expressões de muitos conflitos interna e fora da comunidade. Ao definir a “unidade em Cristo”, o Apóstolo o faz didaticamente: recorda que havia anunciado o Evangelho na Galácia; após sua partida as comunidades vivem a fé na comunidade, com alegria e entusiasmo; apareceram “missionários judaico-cristãos” que segundo Paulo anunciaram um Evangelho diferente, baseado na lei mosaica exigindo uniformidade ritualística e a circuncisão dos gentios; muitos na comunidade aceitaram as propostas dos missionários judaizantes; Paulo recebeu notícias de divisões dentro das comunidades; ficou indignado; escreveu a carta, em tom tempestuoso, e enviou-a aos gálatas.

O objetivo da carta era enfatizar a “unidade eclesiológica”, em Jesus Cristo. Para este fim não hesita em recordar, que antes do surgimento das comunidades locais, conflitos fortes ocorreram em outras igrejas: o episódio Jerusalém entre gentios e judeus (2,1-10); narra o episódio de Antioquia, sobre os gentios não poder sentar a mesma mesa/celebrar com os judeus e, como isso era vergonhoso (2,11-14); aponta a presença de grupos conservadores, enviados parte de Tiago (2,12), como infiltrados para

espionar a liberdade (2,4); corajosamente nomeia as pessoas que são motivos de escândalo, Tiago, Cefas e João, outros judeus e Barnabé (2,11-14). Paulo afirma que são fatos dolorosos para o cristianismo original e denuncia os grupos de “missionários judaico-cristãos”, como os verdadeiros criadores da divisão, como defensores de um tipo de Igreja em contradição as decisões positivas da reunião de Jerusalém (2,9). Chama atenção com clareza para os conflitos gerados: justificação pela lei ou fé, escravidão ou liberdade. Ao fazer isso os missionários “intrusos” vindos de Tiago fecham as fronteiras para os gentios, provocando assim o surgimento de conflitos graves na Galácia.

Paulo e os missionários helenistas estavam abrindo os confins aos gentios, proclamando o Evangelho da liberdade e inclusão (1,15; 2,2,8-9; 3,8,14). Frente a esse perigo o Apóstolo escreve a carta e empresta o hino cantado em outras comunidades, o apresenta aos os gálatas convidando-os a interrogar suas vidas em relação ao anúncio da abertura de fronteiras nos vários níveis sociais. De agora em diante todas as divisões e diferenças desapareciam: as que vieram de etnia, status social ou sexo. Eklesia que tinha seu fundamento na unidade em Cristo, baseada na superação de todos os preconceitos e exclusões. A fé e o batismo aboliram todas as diferenças. A primeira proclamação abrange o nível étnico/racial, com implicações religiosas e culturais. A segunda envolve a abertura de fronteiras no âmbito social, com implicações civis, políticas e econômicas. A terceira reflete sobre o plano de relações e vida sexual.

A diferenciação sexual é muito clara no hino com os termos “masculino” e “feminino”. O projeto de origem é retomado: homem e mulher recuperam a mesma dignidade, é superado o estado de submissão dependente do pecado (Gn 3,16), graças a inserção no Cristo Jesus tornam-se iguais em dignidade e responsabilidade perante o Senhor.

A força da oposição “homem/mulher” possivelmente vem de um ambiente feminino. As mulheres cristãs, no hino, denunciam a sociedade patriarcal que as marginalizou para a unilateralidade

masculina. Provavelmente havia uma queixa contra a assimetria na convivência comunitária. Cristãos com a cumplicidade de cristãos abertos e conscientes, criaram uma nova ética.

Certamente, líderes cristãos em pequenas comunidades, antes de Paulo, compreenderam que a relação “masculino/feminino” não mais correspondia à proposta de Jesus de Nazaré. Como surgiram esses líderes? É bom lembrar que as igrejas domésticas continuaram o costume das liturgias domésticas do mundo judeu-palestino. O próprio Paulo teve uma longa experiência nas sinagogas da diáspora. Numerosas inscrições nas sinagogas mostram que as mulheres exerceram a coordenação e administração das liturgias como ministério no ambiente israelita-judeu, sendo às vezes “chefes da sinagoga” (*archisynagoge*).

A família foi o ponto de partida para a transmissão da fé, particularmente na diáspora. De manhã, à noite, nas refeições, a família judia se reunia em oração. Na casa (oikos) as celebrações religiosas das festividades eram compartilhadas, tanto que na festa da Páscoa as casas assumiam o caráter da santidade do Templo. Dentro do Templo em Jerusalém, a mulher era silenciada. Na casa; ela podia falar e atuar na liturgia doméstica. A casa tornou-se o maior elo relacional, especialmente nas dificuldades externas, quando os judeus eram ameaçados, a religião tomou força, foi protegida e reforçada nas casas.

No início, os cristãos se reuniam nas casas. É bom lembrar que muitos, no início, vieram do universo judeu. Então, usar o costume judaico das casas, entre os cristãos, não foi complicado. É importante lembrar que na “casa” sempre houve, em qualquer cultura, momentos fortes marcando o ritmo da vida: procriação, lactação e os primeiros passos dos bebês. Na casa se aprende a falar, brincar, se alimenta, vive o amor, a vida é celebrada. Na casa se sonha! A comunidade cristã ao se encontrar nas casas herda toda esta memória e experiência de vida e se tornam “igrejas domésticas”. As casas se tornam espaço para anunciar a Palavra, para mesa Eucarística, para ensaiar as novas relações sociais: é lugar de encontro com a vida do povo e com Deus.

Aconteceu um salto qualitativo. Se no judaísmo da diáspora as mulheres podiam falar e dirigir as liturgias, fora das casas eram silenciadas. Mulheres cristãs aprenderam a realizar reuniões doméstica e, pouco a pouco, elas saíram para as ruas, praças e outras cidades.

Vocês perguntam: temos informações disso no Segundo Testamento. Não, não, não temos informações das mulheres na vida das comunidades pré-paulinas. Não sabemos e, o que aconteceu em seu tempo não foi escrito ou se foi escrito, silenciado. Podemos intuir ao ler e desfiando uns textos. Em muitos lugares no ambiente de origem, onde havia referências a igrejas domésticas, os nomes das mulheres são lidos: Priscila e seu marido Áquila aparecem em Rom 16,5 e 1Cor 16,19. Na casa de Filemón aparece a irmã Ápia e seu companheiro Archipo (Filemon 1,1-2); na casa de Filólogo e Julia, os nomes de Nereu e sua irmã emergem, e de Olímpias em Rom 16,15. Em Laodiceia é a casa de Ninfa, que recebeu uma carta de Paulo (Col 4,15). Há também a casa de Lídia em Filipos (Atos 16,15). Nas igrejas domésticas, as mulheres encontraram seus espaços para atuar como coordenadoras nas comunidades. Uma comunidade muito amada por Paulo era de Filipos. Duas líderes, provavelmente em luta pela construção da comunidade, tiveram seus inconvenientes. Sobre elas, Evodia e Síntique, o companheiro Síciço recebeu palavras de orientação para apoiá-las, porque Paulo as respeitava, via nelas lideranças valiosas que *“lutaram ao meu lado pelo evangelho, com Clemente e os outros colaboradores meus, cujos nomes estão no livro da vida”* (Fl 4,2-3).

Na Carta aos Romanos, nas recomendações finais, temos referências interessantes. Em 16,1-2, ele se referiu a Febe: *“Recomendo a vocês Febe, nossa irmã, diácona da comunidade Cencreia... porque ela também ajudou muitos, até mesmo a mim”*. Em 16,3-5, Paulo faz alusão a Priscila e seu marido: *“Saudações a Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expôs sua cabeça.”* Em 16,6 fala de Maria: *“Saudações a Maria, que fez muito por vocês”*. Em 16,7 lembra Júnia, chama ela e seu marido, “Apóstolos”, com ousadia Paulo escreve: *“Saudações a Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros da prisão, apóstolos exímios que*

*me precederam na fé em Cristo*”. Em 16,12 é lembrada Trifena, Trifosa e Pérside, companheiras na tribulação: “*Saudações a Trifena e Trifosa, que cuidaram da comunidade. Saudações para a querida Pérside, que tem trabalhado muito no Senhor*”. Em 16,13 refere-se a uma mãe: “*Saudações a Rufo, escolhido do Senhor, e sua mãe, que também é minha mãe*”. Em 16,15 ele se lembra de Júlia, a irmã de Nereu e Olímpias: “*Saudações para Filólogo e Julia, Nereu e sua irmã, e para Olímpias, e para todos os santos que estão com eles*”.

Vemos que, nessas recomendações, Paulo fala naturalmente de mulheres que foram diáconas, colaboradores em Jesus Cristo, ou apóstolas. Títulos e funções importantes na vida e organização das comunidades! Ele também fala do envolvimento de algumas delas na luta libertadora, dentro da opressão romana. As comunidades, e o próprio Paulo, deviam muito a essas mulheres, pois elas ajudaram e até arriscaram suas vidas para os irmãos. Carinhosamente, Paulo se refere a elas como irmãs, mães, colaboradoras na luta pelo evangelho, companheiras de prisão. Detalhe importante: em dois casos, a comunidade se reuniu na “casa” delas.

Chamamos a atenção a linguagem de ternura e afetividade que Paulo mutua do mundo feminino: “*Meus filhos, eu sofro novamente como dores de parto, até Cristo se formar em você!*” (Gal 4,19). Isso é semelhante ao que diz no texto aos Coríntios: “*Eu dei leite para beber, não alimentos sólidos, porque vocês não poderiam suportar*” (1Cor 3,2). É importante apontar esses textos, porque há uma concepção mal elaborada daqueles que acusam Paulo de ser misógino. O homem que assumiu a fórmula: “não há homem e mulher” era amigo das mulheres que assumiram o cristianismo. O missionário dos gentios, Paulo, foi um entusiasta da comunhão com as mulheres lutando juntos para o mesmo movimento libertador.

O Paulo das Cartas aos Gálatas, Coríntios, Romanos e Filipenses realiza uma trajetória iluminada por Gal 3,28: passagem que privilegia as mulheres. É um dos pontos focais da teologia de Paulo e centro organizador do seu ensino sobre as relações na comunidade. Temos aqui o anúncio de relações de igualdade entre os homens e mulheres, declaração universal para todos os

tempos. Era um programa e um projeto que privilegiava as mulheres no início do cristianismo. Assim como escravos e etnias, as mulheres viram na eklesia cristã a possibilidade de viver a igualdade social, cultural, religiosa e, assim, afastar-se dos modos de produção escravagista e patriarcal romano. Foram elas, mulheres antes de Paulo, talvez líderes que Paulo não conhecia, mulheres próximas do Apóstolo, que em uma perspectiva libertadora impostaram o hino batismal assertivo “não há diferença entre homem e mulher.” Foi uma conquista feminina.

Paulo acreditou no hino e na força dos convertidos, escravos e mulheres. Tudo isso, por vislumbrar pequenas luzes no e ao fim do túnel: liberdade da escravidão romana (Gal 5,1-13). Essa liberdade veio dentro de um programa muito amplo. A conquista da igualdade religiosa para os gentios, da liberdade para os escravos e, agora também pelo batismo para as mulheres, tornar-se membros plenos do povo de Deus, com os mesmos direitos e deveres. Elas não eram circuncidadas e por isso anuladas na religião, Paulo relativizou a teologia da circuncisão, é no batismo que a fé deu valor a nova religião, a religião feminina. Agora, na nova experiência, elas se sentiram “submetidas” a nova religião. Por isso Priscilla (Rom 16,3) arrisca a própria cabeça; Júnia é companheira de prisão (Rom 16,7), Pérside, Trifena e Trifosa (Rom 16,12) trabalharam no Senhor deram testemunho da possibilidade transformadora da tensa realidade da época.

Na amizade com elas, Paulo aprendeu a quebrar barreiras. Ele assumiu a proposta de igualdade. Abriu as fronteiras. Com elas, Paulo aprendeu como levar adiante a realidade da igualdade entre mulheres e homens, no meio do universo androcêntrico e patriarcal. Tudo isso, por causa de Cristo.

## PRINCIPIANDO A COLONIZAÇÃO

Há consenso hoje que Efésios, Colossenses, 2ª Tessalonicenses, não foram escritas por Paulo, mas estão influenciadas pelo pensamento paulino. Por razão de espaço não vamos aprofundar, somente acenamos o contexto em que são escritas.

O Movimento cristão missionário, por ser considerado seita, implicava a necessidade do proselitismo, quer dizer o aumento de número das pessoas que pertencessem à comunidade. As tensões externas e a presença de neófitos, que não haviam assumido radicalmente a proposta igualitária do Movimento missionário cristão, aos poucos abriram as comunidades ao pensamento da cultura dominante: o patriarcado (MACDONALD, p. 341). Encontramos os vestígios deste processo nos códigos domésticos de Col 3,18 -24 e Efésios 5, 21-23. Os códigos domésticos tratavam das relações entre o pater família e as pessoas que ele governava: a mulher, os filhos, os servos e escravos. Relações estritamente verticais. Os autores das Cartas Deuteropaulinas cristianizaram os códigos domésticos. Nas comunidades cristãs que tinham como valores a igualdade e o serviço foi implantada a verticalidade hierárquica da sociedade greco-romana colocando nelas a cor do amor. Em Colossenses 3,18-24 ecoa a voz dos patrões pedindo a submissão dos escravos; em Efésios 5, 21-6, 9 escutamos mais a voz dos maridos falando do matrimônio, o autor pede as mulheres de submeter-se aos seus maridos. Podemos assim vislumbrar que é neste período que a Igreja vai começar a abandonar a predileção de Jesus para os grupos mais fragilizados da sociedade.

## A PALAVRA DE ORDEM: ADEQUAR-SE

Na sinopse acima vimos que o hino da carta aos Gálatas tem vestígios até a carta aos Colossenses. A carta 1Tm de onde tiramos o texto que vamos desfiar (1Tm 2,9-15), é parte de um grupo de cartas que chamamos de Cartas Pastorais (1 e 2 Timóteo, Tito) consideradas escritas da terceira geração da escola paulina, provavelmente escritas no final do século I d.C. e início do século II d.C. Respondem a uma etapa de maior hierarquização e assumem a linguagem própria da cultura greco-romana.

Estas cartas aprofundam o processo desencadeado pelas cartas deuteropaulinas: adequar-se à cultura do império pressionadas seja pelo contexto exterior assim como interior. Três fatores influenciam o processo: a comunidade, os adversários do autor,

os adversários externos. Os adversários do autor parecem ser os gnósticos que pregavam de não casar (1 Ti 1,4: 7,4; 1 Tm 4,3). Os adversários é o Império Romano (1 Tm 3, 7). Na comunidade é manifesta a luta pelo poder e a introdução das estruturas sociais pelos líderes e mulheres ricas. Pela primeira vez aparece um vocabulário estranho ao pensamento paulino, mas próprio da cultura greco romana: *didaskalia* = doutrina; *proistêmi* = governar; *eusebia* = piedade.

O vocábulo *piedade* (1 Tm 3,16; 4,8; 6,3) aparece pela primeira vez e relacionado ao respeito e submissão com as autoridades conforme as relações assimétricas da sociedade patriarcal; *são ensinamento*, *deposito da fé*, que na caneta do autor eram usados para desqualificar o que para ele não era razoável a partir dos cânones patriarcais e desautorizar o pensamento contrário ao seu pensamento. Na realidade neste período ainda não havia o *deposito da fé*, o que havia era uma polifonia de experiências religiosas e de fé vividas nas comunidades que futuramente desembocariam na religião cristã.

Com esta linguagem e pratica o autor ansiava que as comunidades se configurassem à cultura do império para evitar tensões, o endereço tocava de modo especial as mulheres e em partículas as viúvas limitando seu papel em governar o lar, excluindo-a da liderança comunitária, limitando sua missionariedade, e se fossem missionárias itinerantes não poder aceder a cargos de direção. Era assim afirmada a submissão da mulher a todo homem, proibindo de ensinar e exigindo que guardasse o silêncio.

Lendo 1 Tm 2,9-15 podemos entrever o alcance da mudança.

*“Quanto às mulheres, que elas tenham roupas decentes e se enfeitem com pudor e modéstia. Não usem tranças, nem objetos de ouro, pérolas ou vestuário suntuoso; O pelo contrário, enfeitem-se com boas obras, como convém a mulheres que dizem ser piedosas. Durante a instrução, a mulher deve ficar em silêncio, com toda a submissão. Eu não permito que a mulher ensine ou domine o homem. Portanto, que ela conserve o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, pecou. Entretanto, ela será salva*

*pela sua maternidade, desde que permaneça com modéstia na fé, no amor e na santidade.”*

Este texto *é prescritivo e não descritivo*, afirma a biblista Elza Tamez (Tamez, p. 143-145), o que queremos dizer que se tratava de mudar uma situação problemática na comunidade: a liderança da mulher. A retórica do autor quer levar a comunidade a aderir aos cânones patriarcais e, para alcançar isso deve convencer seus ouvintes a mudar de conduta.

Podemos dividir o texto da seguinte forma:

*Proêmio: 1Tm 2,9-10 - adornos femininos*

O centro destes dois versículos são as orientações de como as mulheres devem se adornar, em pratica uma lição de estética. É evidente que está se dirigindo a mulheres que tinham a possibilidade de adquirir os adornos. A palavra-chave é *decência* que nas cartas pastorais é usada 10 vezes (1Tm 3,2; Tt 1,8; 2,2. 4. 6. 12; 2Tm 1,7, etc.) para pedir que as pessoas se comportem conforme requer a sensatez romana. Os adornos nas mulheres podiam revelar e colocar em julgamento a ‘vergonha’ de uma mulher, enquanto a sobriedade expressava sua decência, retraimento sexual e passividade. Como já mencionamos eram as mulheres que traziam ‘honra’ ao esposo, a família e neste caso a comunidade, com seu comportamento devido tornavam a comunidade respeitada. O autor aponta quais deveriam ser os adornos, que uma mulher devia usar para poder entrar no ministério das viúvas: *educar os filhos, hospitaleira, lavar os pés dos santos, socorrer os atribulados, aplicada a toda boa obra* (1Tm 5,10). Educar os filhos indica que eram mulheres que haviam tido filhos, e no final carta aponta para maternidade. Vale recordar que na 1Coríntios 7,11a.39-40 Paulo recomendava a castidade à comunidade e aconselhava as viúvas a não se casar de novo. Isso aponta as mudanças teológicas que estão acontecendo.

*Proposição: 1Tm 2,11-12 - comportamento da mulher na Igreja*

Se ouvirmos atentamente há um acentuar do tom da voz, que levou uns autores a pensar que a interpolação de 1Coríntios 14,33b-35 seja obra da mesma mão. Primeiramente notamos que

antes o autor escrevia ‘as mulheres’ agora escreve ‘a mulher’ indicando que é para toda pessoa que pertence a este gênero. É aqui que descobrimos a verdadeira intenção do autor, escutemos: *A mulher deve aprender em silencio*. A mulher pode aprender, se aprender deve ser não de forma ativa e sim passiva, em silencio. O silencio era considerado uma virtude feminina, então está se exigindo da mulher cristã que se adeque coerentemente ao ethos imperante.

*Em tudo submetida*: o verbo é em voz passiva, significa que a mulher será submetida por alguém. Nas deuteropaulinas a mulher devia estar submissa ao marido, a formulação aqui indica que a mulher é submetida em casa, na sociedade, na comunidade pelo homem: submetida pelo poder patriarcal.

*Não permito que ensine*: não somente deve aprender em silencio, mas com o imperativo anula toda pretensão de ensinar. Ao dizer *não domine o homem* reafirma com mais força o silencio a quem a mulher é submetida.

*Argumentação: 1Tm 2,13-14 - inferioridade da mulher e seu estado de transgressora*

O autor recorre ao texto bíblico para se legitimar. Cita Gn 2,7.22 onde o ‘homem’ é criado por primeiro e a mulher depois. Oportunamente esquece Gn 1,26-27, pois ele quer afirmar que a mulher é inferior e segunda ao homem, assim ele desautoriza ontologicamente a mulher. Ele cita também Gn 3,1-6 onde a mulher não fica em silencio ao contrário conversa com a serpente. Ao fazer isso demonstra que a mulher ativa provoca transgressão levando a comunidade a cair em pecado. Ao dizer que foi ‘seduzida’ o autor insinua que as mulheres são crédulas e se deixam enganar facilmente, acentuando uma crença do mundo greco-romano. Paulo citou Eva em 2 Coríntios 11,3 não se referindo a mulher, mas sim a comunidade suscetível de transgressão. Em sua argumentação concluímos que o autor considera a mulher inferior ao homem e, quando assume a liderança ou coordena acontece o caos, por isso no seu imaginário a mulher não deve ensinar, deve manter-se em silencio submetida ao homem, a estrutura patriarcal.

Mas o autor encontra um obstáculo, não pode se legitimar referindo-se a Cristo, por isso recorre ao Genesis.

*Epílogo: 1 Tm 2,15 - a salvação da mulher*

Com este versículo final o autor responde uma vez por todas ao problema da participação da mulher na comunidade, ele manipula os sentimentos das mulheres e os sentimentos da comunidade com as mulheres: sua salvação. Paulo em seus escritos afirmava que a salvação é pela graça, pela fé em Cristo Jesus. Aqui é afirmado que a salvação vem pela maternidade, ter filhos. É retomado o plural 'as mulheres' a indicar todas as mulheres da comunidade casadas ou não. A mulher é devolvida ao seu papel de reprodutora, passiva e submissa no lar. Além da maternidade elas devem retomar os adornos das obras do amor: fé e caridade.

O fechamento desta perícopé é a pedra que sela a tumba da mulher no lar ontem e ao longo dos séculos até hoje. É a mobilização da campanha do papel da mulher na sociedade e na igreja: dependente, submissa, excluída, silenciada. A mulher tem que sossegar no lar, se não for assim será considerada ímpia, desavergonhada na sociedade greco-romana e na comunidade, correndo o perigo de não se salvar.

## CONCLUINDO SEM CONCLUIR

Nos perguntávamos no início: porque o hino aos Gálatas foi anulado? porque o autor de 1 Timoteo escreveu palavras tão duras contra as mulheres?

Jesus de Nazaré com sua proposta provocou tensões na cultura patriarcal dominante. O autor da carta se encontra no meio das mesmas tensões. Ele não busca luzes em Jesus de Nazaré e sim espelhando-se no meio patriarcal em que vivia. Deixando-se iluminar por estas luzes profere palavras muito fortes contra as mulheres devolvendo-as ao lar, ao silêncio, à submissão, enfim ao controle patriarcal. Ao mesmo tempo, porém, suas palavras nos revelam o papel que as mulheres exerciam na comunidade.

Negando-lhe a liderança ele nos fala da liderança que exerciam. Negando-lhe e fala e o ensino revela a capacidade de indagar e ensinar que elas possuíam. Sentiu-se ameaçado na sua masculinidade? No seu poder? Infelizmente sua palavra se tornou na boca da oficialidade “palavra de Deus, palavra da salvação”, enquanto o hino de profissão batismal de Gálatas caía no esquecimento.

Foi um processo que na definição do Canon silenciou e negou na história da Igreja o papel que a mulher teve no cristianismo primitivo, pois os Padres da Igreja assumiram as palavras destas cartas e se esqueceram de Jesus de Nazaré e das autênticas palavras de Paulo.

Os paradigmas que orientam a historiografia são patriarcais, raramente as mulheres são consideradas protagonistas ou a história é escrita a partir de seu olhar de seu chão histórico. Seus corpos, o cotidiano, o compromisso com a vida, as coisas simples do dia-a-dia que garantem a vida seja das crianças, dos velhos e doentes, delas mesmas, mas também dos heróis nunca entram nos livros de história.

Urge restaurar nossa história, resgatar a memória silenciada, anulada e por isso esquecida. Dar voz e entrar no cordão das matriarcas para criar espaços e buscar exercer nosso papel nas comunidades, para nos reconhecer como iguais enraizadas nas tantas mulheres dos primórdios do Movimento cristã missionário. Num certo sentido a perícopes de 1Tm 2, 9-15 é maravilhosa, porque seu estudo leva a descobrir, entre os fios, mulheres e homens inspirados no projeto e ação de Jesus de Nazaré que se mobilizaram por relações de igualdade e que se empenharam em resgatar os excluídos das estruturas escravocratas e patriarcais.

Hoje, a leitura desse perícopes representa um desafio e uma realidade da qual não podemos nos alienar: a participação ativa das mulheres na Igreja. Embora nestes últimos tempos há pequenas luzes acendendo ainda há um longo caminho a ser percorrido. Não podemos limitar nosso debate a participação da mulher ao diaconato ou presbiterado, precisamos sonhar numa eklesia igualitária, ministerial e laical.

O contexto histórico requer sociedades e instituições novas alternativas, desafia as comunidades cristãs à inclusão das mulheres nas estruturas de decisão, em acolher sua própria sabedoria e intuição, seu jeito específico de ser no mundo.

Lendo, desafiando o texto da 1ª Timóteo e outros textos, julgando a atuação do autor da carta percebemos que não é o caminho a seguir. Ele viveu num contexto que o desafiou a encontrar respostas e soluções. Se sua resposta foi acertada ou não para seu tempo, não importa mais, porque já se materializou na história. Cabe a nós hoje ler nosso contexto histórico e responder a um problema: Por que as mulheres são excluídas da tomada de decisão e liderança nas igrejas, especialmente na Católica Romana?

O *ethos* de nossas sociedades latino-americanas clama pela reconstrução do tecido social de todas as experiências de vida, ouvir aqueles que foram silenciados, incluindo a mulher. O hino aos Gálatas foi capaz de lançar uma proposta alternativa ao seu tempo, por que nós não fazemos isso? E o que seria uma solução viável e programática para esse novo problema da exclusão das mulheres na tomada de decisão da Igreja Católica Romana?

Talvez nas lutas pela igualdade de gênero na sociedade e nas igrejas tenhamos que voltar ser iluminadas pela opção radical de Jesus de Nazaré. Entretanto é importante incorporar textos como 1ª Tm 2, 9-15, em nossos espaços de estudo comunitários. Eles nos forçam pelo tom de suas palavras a reconhecer um legado, que nos dominou como cristãs e cristãos por longo tempo. Elaborar em torno de textos difíceis de ler, um processo de ensino-aprendizagem. Eles representam um desafio intelectual para o/a ouvinte. Fazem brotar a pergunta: Por que tal texto é encontrado na Bíblia? Isso se aplica hoje?

Esses textos nos ajudam a compreender porque as mulheres foram material e historicamente oprimidas, excluídas, marginalizadas e silenciadas e ao mesmo tempo nos religam a forma especial com que Jesus de Nazaré enxertou seu pensamento, sua atuação na história. Ao contrário do que você possa pensar, o estudo destes tipos de perícopes, como 1ª Tm 2,9-15, representam

um mundo a ser descoberto, e no caso específico negá-los, e optar por um amor que liberta da opressão e acolhe o vulnerável, silenciado, pobre, mulher. Recomendo à leitora, leitor não parar, de se perguntar sobre a Bíblia, para procurá-la sem medo constantemente pedindo a orientação da Divina Ruah, não importa se o texto tem palavras chocantes, pelo contrário são aquelas que têm mais significados, provocam nosso imaginário, desafiam nosso aprendizado, acrescentam sabor a nossa vida de crente.

Podem surgir perguntas: O que fazer com esta perícopa para que ela não continue a ser usada no fortalecimento da ideologia patriarcal nas igrejas e na sociedade? Acredito que a Palavra lida a partir do chão da vida, do chão pisado pelos grupos marginalizados despertará em nós a mesma criatividade, a mesma indignação, a mesma ousadia, a mesma desobediência e subversão que despertou em Jesus de Nazaré, em Paulo, Lídia, Maria de Magdala, Siro-fenícia, Samaritana, Priscila ... quer entrar no cordão?

### PARA REFLETIR

- No seu parecer porque o enunciado “não há homem nem mulher” foi logo anulado?
- Por que as mulheres são excluídas da tomada de decisão e liderança nas igrejas, especialmente na Católica Apostólica Romana?
- Num tempo marcado pela volta à misoginia, machismo, patriarcalismo e aumento de feminicídio, qual é a Boa Nova que as Igrejas cristãs devem anunciar e viver?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANICK, Vincent. *A Igreja Doméstica nos Escritos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 1994.

BYRNE, Brendan. *Paulo e a Mulher Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1993.

CAMACHO VIRGÜEZ, R.A. *La mujer ante la sumisión y el silencio: una lectura diacrónica y retórica del 1Tm 2, 9-15*. Bogotá: Corporación

Universitaria Minuto de Dios, 2015.

ELLIOT, Neil. *Libertando Paulo: A Justiça de Deus e a Política do Apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1998.

FERREIRA, Joel Antônio. *Gálatas*. A Epístola da Abertura de Fronteiras. Comentário Bíblico Latino-americano. São Paulo: Loyola, 2005.

FERREIRA, Joel Antônio. *Primeira Epístola aos Coríntios*. Comentário Bíblico Latino-americano. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

MACDONALD, M. *Las mujeres en el cristianismo y la opinión pagana*. El poder de la mujer histórica. Estella: Verbo Divino, 2004.

REYES ARCHILA, F. *Otra masculinidad posible*. Un acercamiento bíblicoteológico. Bogotá: Documentos de teología latinoamericana, 2003.

RIBLA, Revista de Interpretación Latino-Americana. *A canonização dos escritos apostólicos*. Petrópolis: Vozes, n. 42/43, 2002/2-3.

RIBLA, Revista de Interpretación Latino-Americana. *Vida em comunidade*. Petrópolis: Vozes, n. 59, 2008/1.

RIBLA, Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana. *La Carta de Pablo a los Gálatas*. Quito: Centro Bíblico Verbo Divino, n. 76, 2017/3.

RIBLA, Revista de Interpretación Bíblica Latino-Americana. *Lectura de la Biblia a partir de las comunidades emergentes na América Latina*. Quito: Centro Bíblico Verbo Divino, n. 77, 2018/1.

SCHÜSSLER FIORENZA, E. *Entre la investigación y el movimiento social*. Estudios feministas de la Biblia en el siglo XX. Estella: Verbo Divino, 2015.

STRÖHER, M. J. Entre a Afirmação da Igualdade e o Dever da Submissão. Relações de Igualdade e Poder Patriarcais em Conflito nas Primeiras Comunidades Cristãs. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis: Vozes, n. 67, 2000, p. 36-44.

TAMEZ, Elza. *Galatians in the International Bible Commentary*. A Catholic and Ecumenical Commentary for the Twenty-First Century. Coordinación de William R. Farmed, Collegville, Minnesota: The Liturgical Press, 1988.

TAMEZ, Elza. *Luchas de poder en los orígenes del cristianismo*. Un estudio de la primera carta a Timoteo. España: Editorial Sal Terrae, 2005.